

Em busca do modelo filosófico de Platão – comunicação à SBP – 2020¹

(1) Temos acompanhado, nos últimos dez anos, os encontros da Sociedade Brasileira de Platonistas (SBP) e constatamos uma atitude metodológica padronizada: os esforços interpretativos da obra de Platão têm adotado, invariavelmente, uma perspectiva analítico-hermenêutica, ao que nos é dado entender, na intenção de encontrar, no desvã significativo das palavras ou no dito e no interdito das construções semânticas, as peças soltas de um quebra-cabeça oculto, virtualmente capaz de explicitar o modelo conceitual daquele, tão peculiar, modo platônico de pensar. Aqui, queremos propor – minimamente, como exercício inferencial –, uma mudança nesse modo de olhar. Experimentar uma abordagem que inverta o sentido analítico usual – dirigido da parte para o todo –, adotar uma hipótese sobre o todo e, dirigindo a análise do todo para a parte, verificar em que medida esse todo recepçiona as teses de Platão. (2) Podemos encaminhar essa perspectiva perguntando: qual seria o modelo ou sistema filosófico, capaz de recepçionar e de acomodar o acervo conceitual contido nos diálogos de Platão?

Naturalmente, a modelagem dessa concepção implica recorrer aos diálogos para extrair deles os elementos necessários à construção do modelo, o que, de certo modo, repõe a estratégia analítica que, historicamente, vem sendo adotada. A diferença e a vantagem dessa abordagem *top-down* residem no fato de que, para construir um modelo referencial dotado de tais propriedades, resulta necessário escolher determinados trechos e dar-lhes também interpretações determinadas, condições indispensáveis para se obter o resultado pretendido. Com isso, a construção do modelo pode ser feita com espírito compreensivo, uma vez que apenas se está formulando a hipótese de partida. Desse modo, o espírito crítico passa a ser adequado apenas na consideração da coerência interna e da capacidade de o modelo justificar as teses platônicas. Com esse procedimento, pretendemos atender às advertências que Thomas Kuhn nos faz a respeito das dificuldades suscitadas por paradigmas novos e, possivelmente, conseguir comunicação mais efetiva. Naturalmente, não pretendemos evitar que o modelo também seja, no devido tempo, criticado, mas apenas propiciar que a atenção se concentre na capacidade explicativa do modelo e não na sua construção, já que só se chega ao modelo mediante determinadas interpretações. Depois, à luz da capacidade explicativa do modelo, criticam-se interpretações.

O pressuposto que estamos adotando resume-se a entender que a filosofia de Platão possui unidade, que o seu pensamento era dirigido por um referencial formal e que, enfim, ele tinha a cabeça organizada. Nada muito mais do que reconhecer que Platão não era esquizofrênico. (3) Dito isso, vamos à coleta dos 10 tijolos conceituais requeridos para essa construção. Entendemos que basta articular 10 conceitos para definir o modelo.

(4) O primeiro tijolo quem nos fornece é Parmênides, com a sua lição de que o ser é e o não-ser não é. Vamos interpretar esse ser como existência e esse não-ser como absoluta inexistência e vamos aceitar a sua recomendação de não perder tempo com inexistências, de sorte que tudo o que falarmos adiante referir-se-á ou fará parte da

¹ Encontro não realizado

existência. Segundo Parmênides, assim procedendo, comportamo-nos como homens sensatos.

(5) O segundo será colhido junto a Pitágoras, que asseverava serem dois os princípios de todas as coisas: o *ilimitado* e o *limitante*. Segundo percebia o espírito matemático da época, a possibilidade de quantificação – o horizonte quantificável – é ilimitada e, como tal, resulta não inteligível. Apenas quando a esse contínuo potencial impõem-se limites, afirmando, por exemplo, é um ou é cinco, é que o quantitativo se determina e se torna acessível à razão humana. Dessa lição vamos assimilar que a existência comporta ilimitados e limitados, estes últimos, em virtude da incidência de limites.

(6) O terceiro devemos ao próprio Platão, quando, considerando a mesma possibilidade ilimitada de quantificação, observou que, em sentido ontológico, o advento do primeiro dos números reais pressupõe o “uno” como conceito anterior, que lhe forneça o espírito unitário, irreduzível e indivisível, indispensável para fundamentar a unidade, o primeiro número que inaugura a série dos números naturais. Daqui, retiramos a lição de que a determinação da primeira e mais simples das quantidades e, portanto, de toda a série de números naturais exige o uno como antecedente ilimitado necessário. Ficando, então, estabelecida, no âmbito da matemática, a relação de dependência (uno → um).

[uno → um]

(7) O quarto resulta do fato de Platão, seguindo ainda o espírito matemático da época, estender os conceitos matemáticos a todas as coisas e à própria compleição do universo. Com essa generalização, a relação matemática (uno → um) converte-se em relação genérica (uno → ser) ou (Uno → ser), sem que fique claro qual das expressões seria a mais apropriada hoje. Apesar dessa dúvida, podemos capitalizar aqui a concepção segundo a qual o advento do ser determinado dá-se a partir de um Uno ilimitado – alhures, também designado por Platão de *Bem em si*.

[uno → um] [uno → ser] ou [Uno → ser]

(8) O quinto conceito, também de Platão, encontramos no Filebo, onde ele discute o aparente paradoxo do uno ser múltiplo e do múltiplo ser também uno. Dessa discussão, sobre a qual não nos estenderemos, por ser muito conhecida, retiramos como lição a compreensão de que a realidade, para Platão, estendia-se da unidade indivisível do ser até a totalidade complexa, constituída de partes, do ente. De sorte que o caminho mais longo e seguro para análise da realidade – a sua dialética – consiste em partir das coisas, tal qual elas nos são dadas, e descer paulatinamente, considerando todos os intermediários, até chegar ao ser unitário que as constitui.

[ser → ... ente] – o percurso da dialética de Platão

(9) O sexto tijolo conceitual de nossa obra encontramos na carta VII, onde Platão apresenta os cinco primeiros ordinais e, no mesmo sentido de generalização, indica que eles correspondem, respectivamente, o 1º, ao nome; o 2º, à definição; o 3º, ao que é torneado e se perde; o 4º, ao conhecimento; e o 5º, ao que verdadeiramente é e pode ser conhecido.

1º	2º	3º	4º	5º
----	----	----	----	----

O nome	A definição	O que é torneado e se perde	O conhecimento	O que verdadeiramente é e pode ser conhecido
--------	-------------	-----------------------------	----------------	--

Aqui, interpretamos que o 5º, o que verdadeiramente é e pode ser conhecido, corresponde à existência em ato, corresponde às coisas tal qual elas nos são dadas e que são aquilo que pode ser conhecido. Ora, sendo o 5º o que verdadeiramente existe em ato, resulta evidente que as instâncias anteriores sejam antecedentes ontológicos necessários e que esses ordinais estão indicando uma estrutura cumulativa/gerativa que resulta em existência em ato.

(10) Essa interpretação é apoiada por discussões realizadas em outras partes da obra, particularmente, na discussão dos conceitos de participação no Parmênides e, de mescla, no Sofista, que sugerem processos cumulativos, envolvendo gêneros ou categorias básicas da realidade – igualdade, diferença, repouso, movimento, ser e não-ser, geração e destruição.

Igualdade | diferença | repouso | movimento | ser e não-ser | geração e destruição

(11) O sétimo conceito, que avança no sentido da especificação da estrutura gerativa, encontramos em Pitágoras, cuja década sagrada, no formato $(1 + 2 + 3 + 4 = 10)$, tomada à vista do moderno sistema decimal, interpretamos como expressão matemática particularmente efusiva, da mesma estrutura gerativa constatada na Carta VII, indicando que a unidade do ser da primeira posição – unidade simples indivisível – apenas reaparece na totalidade do ente – unidade complexa feita de partes –, instância esta indicativa da existência em ato.

$$[1 + 2 + 3 + 4 = 10]$$

O oitavo tijolo conceitual de que nos valem encontramos no diálogo A República, quando Platão, discutindo as disciplinas de uma formação adequada dos jovens, relaciona as instâncias intermediárias da existência ao conceito de dimensão, afirmando que o 2º corresponde à segunda dimensão e o 3º, à terceira, sendo o 4º correspondente a sólidos em movimento. Daqui, retiramos a lição de que Platão admitia o conceito de dimensão como elemento conceitual capaz de caracterizar as instâncias intermediárias destacáveis entre uno e ente.

12) À vista desses conceitos, formulamos hipótese de que podemos expressar formalmente o modelo interpretativo de Platão, em linguagem atualizada, compreensível ao homem moderno, valendo-nos do conceito geométrico de dimensão, ajustando o que ele fala, na República, ao modelo matemático da década sagrada de Pitágoras.

1ª Dimensão	2ª Dimensão	3ª Dimensão	4ª Dimensão	Totalidade
-------------	-------------	-------------	-------------	------------

A cultura científica já define o espaço e a matéria como tridimensionais, e, desde Einstein, o tempo já é admitido como uma quarta dimensão, de sorte que uma visão dimensional do mundo não constitui novidade. O que o modelo pitagórico sugere é que a realidade não esteja limitada à localidade espaço-temporal, tal como crê a ciência de hoje, mas se estenda à primeira e à segunda dimensões anteriores e, também, a uma totalidade situada para além do espaço e do tempo. Embora, nesta comunicação, não se disponha de tempo para entrar em detalhes, o conceito de dimensão implica desdobramento reiterado

de crescente amplitude, de sorte que se precisa partir necessariamente da primeira dimensão para viabilizar as amplitudes superiores. Observe-se que esse desdobramento dimensional indica processo cumulativo de amplitudes, isto é, acumulação no âmbito da forma, da Geometria, tal como a década sagrada de Pitágoras indica um processo cumulativo, no âmbito da quantidade, da Matemática.

(13) Esse ponto é crucial. Como mencionamos no início, Platão justifica a estrutura uno → um em sentido quantitativo e depois a converte em estrutura Uno → ser, de aplicação geral.

$$[\text{uno} \rightarrow \text{um}] \quad [\text{uno} \rightarrow \text{ser}] \text{ ou } [\text{Uno} \rightarrow \text{ser}]$$

(14) Da mesma forma, agora, quando se constata que a década sagrada de Pitágoras, de formato $(1 + 2 + 3 + 4 = 10)$, representa, quantitativamente, a estrutura geradora da dezena inicial do sistema decimal – que é a estrutura básica que viabiliza toda quantificação superior, em dezenas, centenas, milhares etc. –, constata-se que o modelo dimensional, de caráter geométrico, admite a mesma passagem do quantitativo para a forma geral e, também, possibilita a mesma generalização, agora, de modo bem mais claro e contundente – generalização do quantitativo para a amplitude existencial geral do universo.

$$[1 + 2 + 3 + 4 = 10] \rightarrow [1^{\text{a}} \text{ Dim.} + 2^{\text{a}} \text{ Dim.} + 3^{\text{a}} \text{ Dim.} + 4^{\text{a}} \text{ Dim.} = \text{Totalidade}]$$

Para concluir o desenho geral do modelo, cumpre observar que, em estrutura dimensional representativa da edificação da realidade, impõe-se a necessidade de uma instância de totalidade que feche os fenômenos em unidades, tornando-os distinguíveis uns dos outros. Sem esse fechamento, os fenômenos não podem ser unitários. Existem razões estruturais outras para esse fechamento, mas essa necessidade torna-se evidente apenas por viabilizar a diversidade manifesta. A diversidade compõe-se de individualidades, naturalmente, delimitadas.

(15) A justaposição das expressões quantitativa e dimensional torna também visualmente evidente a pertinência do movimento platônico de generalização.

1	+ 2	+ 3	+ 4	= 10
1ª Dimensão	2ª Dimensão	3ª Dimensão	4ª Dimensão	Totalidade

Estamos claramente diante da mesma estrutura. Nesse ponto, observando que temos aí quantidade e forma, invocamos o nosso nono tijolo conceitual, extraíndo-o da cultura matemática já mencionada, que comportava também o movimento, além do cálculo e da forma. Isso ajudar-nos-á a compreender por que se tratava de uma trilogia que, atualmente, podemos interpretar como sendo Geometria, Lógica e Matemática.

Observe-se que dimensões, sequencialmente desdobradas, disponibilizam amplitudes sequencialmente crescentes. Com isso, em cada instância, a amplitude local possibilita um padrão típico de movimento, justamente determinado pela amplitude. Dado que se trata de uma estrutura gerativa de existência em ato, resulta que, em cada instância, manifesta-se um modo específico de ser, um padrão de interação, caracterizado pela amplitude e pelo padrão local de movimento.

(16) Com isso, podemos invocar o décimo e último tijolo conceitual necessário à nossa construção, também fornecido por Parmênides – a sua afirmação de que ser e pensar são o mesmo – e caracterizar o padrão de movimento ou de interação de cada instância como padrão lógico.

1	+ 2	+ 3	+ 4	= 10
1ª Dimensão	2ª Dimensão	3ª Dimensão	4ª Dimensão	Totalidade
Lógica 1	Lógica 2	Lógica 3	Lógica 4	Lógica 5

O entendimento que se está assumindo aqui é: dado que, no plano objetivo de geração dos entes, cada instância determina um padrão de movimento existencial específico, um dado modo de ser, esse mesmo padrão de movimento determina, no plano subjetivo, um padrão inferencial exatamente correspondente, isto é, um modo de pensar também específico da instância. Com isso, está-se assumindo uma definição de lógica como padrão de movimento existencial, entre outras coisas, porque isso sanciona plenamente a sentença de Parmênides, além de indicar, adicionalmente, que as lógicas ou os padrões lógicos são cinco. Temos, no quadro acima, a demonstração de uma correspondência estrutural entre as três disciplinas que integravam as “matemáticas” dos antigos.

Com isso, também o nosso modelo conceitual, em linhas gerais mínimas, resulta completo, constituindo um modelo matemático – em termos gregos –, indicativo de como a existência estabelece-se em ato, em nosso mundo relativo. Indicativo de como, em perspectiva metafísica e ontológica, a existência converte-se de pura potência em ato existencial. Em um dos seus aspectos, essa interpretação que estamos assumindo indica que as três disciplinas da matemática grega clássica possuem estruturas constitutivas simétricas. Em outro sentido, essa simetria reflete parte importante da coerência interna do modelo. Considere-se o sistema decimal: os dez primeiros números são tudo o que se precisa conhecer para ter acesso a todo o universo quantitativo. O restante é tudo repetição. Da mesma forma, a trilogia indicada constitui o conjunto gerador de tudo o que existe e, assim, insinua-se como algoritmo da criação.

Naturalmente, não se está afirmando que esse referencial corresponda exatamente ao referencial que presidia o pensamento de Platão, uma vez que, hoje, estão disponíveis conceitos que não estavam presentes na Grécia Clássica, a começar pelo sistema decimal. O que se espera é que esse modelo agora formalizado permita-nos interpretar e entender o que Platão tinha em mente, em cada ocasião, caso o modelo seja capaz de recepcionar as teses platônicas e dar resposta às dúvidas e às perplexidades que a leitura dos diálogos suscita. Vamos, então, à segunda parte da comunicação.

(17) Para testar em que medida o modelo geométrico dimensional recepciona as teses de Platão, coloquemos, como alicerce básico de referência, o conceito pitagórico indicativo de que o âmbito da existência compreende ilimitado e limitante e nada mais. Isto é, que a tese pitagórica define o âmbito da existência.

Ilimitado	Limitante
-----------	-----------

(18) Em seguida, posicionemos o modelo dimensional, acrescentando uma instância adimensional correspondente ao ilimitado de Pitágoras. O algoritmo da criação acima discutido compreende apenas o âmbito determinado e limitado da existência, que se estende do ser ao ente, da primeira dimensão à totalidade.

Adimensional	Uma dimensão	Duas dimensões	Três dimensões	Quatro dimensões	Totalidade
Ilimitado	Limitante				

Observe-se que o critério dimensional se aplica, tranquilamente, ao âmbito ilimitado, como amplitude adimensional, que resulta ser o único âmbito geométrico capaz de receber atributos absolutos, como é o caso do ilimitado. Com isso, fica reforçada a adequação do critério dimensional. (19) Sobre essa base, podemos, agora, situar as teses platônicas e verificar a sua recepção pelo modelo.

Ilimitado	Limitante				
0	1	2	3	4	5
	O nome	A definição	O que é torneado e se perde	O conhecimento	O que verdadeiramente é e pode ser conhecido
Adimensional	Uma dimensão	Duas dimensões	Três dimensões	Quatro dimensões	Totalidade

Começamos posicionando os conteúdos declarados na Carta VII, relativos aos cinco primeiros numerais. Acrescentamos o zero, que ainda não existia na época, na posição correspondente, de sorte a facilitar a referência às posições, no restante da análise. O primeiro é o nome; o segundo, a definição; o terceiro é o que é torneado e se perde; o quarto, o conhecimento; e o quinto, o que verdadeiramente é e pode ser conhecido.

Quando Platão observa que o uno antecede, necessariamente, o número um, está posicionando-os, respectivamente, nas posições zero e um. Quando generaliza essa relação para Uno → ser – ainda que, em outras ocasiões, refira-se a tudo que existe em ato –, cabe posicionar o ser na posição um, justamente onde, na Carta VII, já tinha posicionado o nome, que designa o ser. No Parmênides, ao discutir participação, Platão destaca que o ser participa de todos e não é participado por nenhum, de sorte que, em uma estrutura gerativa cumulativa, apenas a primeira posição lhe cabe, apesar de, em outras ocasiões, indicar por ser tudo o que existe (20).

Ilimitado	Limitante				
	1	+ 2	+ 3	+ 4	= 10
0	1	2	3	4	5
Uno	O ser				O ente

	O nome	A definição	O que é torneado e se perde	O conhecimento	O que verdadeiramente é e pode ser conhecido
Adimensional	Uma dimensão	Duas dimensões	Três dimensões	Quatro dimensões	Totalidade

Posicionando a década sagrada no formato algébrico, que também gera a dezena básica do sistema decimal, fica explicado, visualmente, por que o uno é múltiplo e o múltiplo também é uno, conforme discutido no Filebo. Na posição 1, a unidade indivisível do ser e, na posição 5, a totalidade também unitária do ente – somente nessas posições, cabe o 1.

Com o posicionamento do Uno, do ser e do ente, na quarta linha, também podemos considerar as dificuldades interpretativas que o diálogo Parmênides oferece ao discutir a questão da participação. Platão coloca, ali, duas questões: como o Uno participa dos singulares – indicados, no nosso esquema, por ente – e, depois, como o Uno participa do ser. Participar, em estrutura cumulativa, significa também fazer parte, passar a integrar. O Uno, sendo adimensional, não admite ação, correspondendo-lhe plena imobilidade. Logo, ele apenas pode gerar o ser por transcendência e não por ação. Não possui amplitude para tal. O ser, entretanto, manifesta-se, ao contrário, como movimento existencial. Significa isso que, entre ambos, permeia descontinuidade e ocorre, ali, mudança de natureza, absoluta para relativa. Na sequência, o ser desdobra as dimensões superiores, no âmbito de um contínuo – o da dimensionalidade –, mas, ao atingir a quarta dimensão, enfrenta outra descontinuidade, porque a totalidade não se situa adiante no horizonte dimensional. Dessa forma, apenas outro movimento transcendental permitirá que o ser atinja a totalidade e conquiste estabilidade como existência em ato.

Temos consciência das dificuldades de entendimento que esse percurso ontológico oferece. Para o que temos aqui em mente, basta, porém, perceber que, nesse percurso, estão presentes duas descontinuidades as quais implicam mudanças de natureza e exigem saltos transcendentais para sua superação. A primeira, entre Uno e ser – absoluto para relativo –, e a segunda, entre parte – 4 – e o todo – 5. Caso se entenda isso, resta claro que, quando Platão pergunta pela participação do Uno no ente, questiona a relação entre a posição zero e a posição 5. Estando presentes entre ambas duas descontinuidades, dois saltos transcendentais e duas mudanças de natureza, coloca uma questão superior à capacidade dedutiva humana. Isso equivaleria a desafiar um jogador de xadrez a antecipar dez jogadas à frente, daí uma das razões do aporismo. Mesmo quando questiona a participação do Uno no ser, sem explicar que, entre ambos, permeia uma transcendência e sem esclarecer que se trata de uma estrutura cumulativa, coloca um desafio mental extremamente difícil. Isso indica que, na verdade, a sua intenção, ali, não era discutir e esclarecer o que era e como se dava a participação. Caso essa fosse a intenção, teria perguntado pela participação do Uno, no ser, e, depois, pela participação do ser, e não do Uno, no ente, e teria esclarecido tratar-se de uma estrutura cumulativa gerativa. Estrutura essa que, como sabemos, não foi colocada nem no Parmênides nem em outro lugar qualquer.

Outro caso interessante é sobre o relato que Szlezák faz no artigo “Platão e os pitagóricos”, publicado em jan./2011, na revista Archai da Universidade de Brasília (UnB), indicando que Platão assimilava o número um à reta e não ao ponto, como supostamente

o faziam os pitagóricos. Ora, o ponto é sabidamente adimensional, e, caso a complexificação das figuras geométricas fosse posicionada no esquema, o ponto ocuparia a posição zero, tal como o ilimitado e o Uno. Com isso, a figura mais simples seria a reta, decorrente do deslocamento do ponto em certa direção. Essa reta configura uma instância unidimensional, a qual, como o esquema mostra, corresponde à unidade quantitativa e também ao ser. Logo, tanto ao ser como à reta corresponde o número um.

(21) Para concluir, vamos examinar a discussão que Platão realiza no Sofista, sobre ser e não-ser, discussão que levou alguns a entender que, ali, Platão retratava-se. Para tanto, incluamos, no esquema, os cinco gêneros ali considerados e as cinco lógicas do modelo – terceira e quarta linhas.

Ilimitado	Limitante				
	1	+ 2	+ 3	+ 4	= 10
Uno	O idêntico O ser	A diferença	O repouso	O movimento	
	Lógica 1	Lógica 2	Lógica 3	Lógica 4	Lógica 5
Uno	O ser				O ente
	O nome	A definição	O que é torneado e se perde	O conhecimento	O que verdadeiramente é e pode ser conhecido
Adimensional	Uma dimensão	Duas dimensões	Três dimensões	Quatro dimensões	Totalidade

Na discussão do ser e do não-ser, no Sofista, em resumo, Platão primeiro recupera a lição de Parmênides, que não admitia o não-ser, e, depois, invoca o fato de a cópia constituir um outro do ser, a qual poderia perfeitamente ser entendida como o não-ser do original. O que ocorre, nesse caso, é que Parmênides, ao contemplar ser e não-ser, coloca uma questão ontológica, inerente ao sentido vertical de geração do ser e de edificação do ente. No sentido da construção do ente, o não-ser de Parmênides, caso não o tivéssemos eliminado, seria considerado antecedente ontológico do Uno e ocuparia, no esquema, posição anterior à posição do Uno, assim como o Uno ocupa posição anterior ao ser. Ontológico indica o sentido da edificação da existência em ato. Quando invoca a cópia em contraposição ao original, está colocando uma questão lógica, inerente à segunda dimensão, isto é, à posição 2 do esquema. Isso, porque, sendo os padrões lógicos determinados pela amplitude de cada instância, cada lógica apenas opera, horizontalmente, em seu âmbito.

Não há, portanto, no Sofista, qualquer mudança de ideia de Platão. O seu objetivo parece ser desafiar os educandos a distinguir o lógico do ontológico, condição indispensável para operar a sua dialética e realizar o filósofo. Parece-nos impossível entender Platão sem distinguir o lógico do ontológico.

Bem, o tempo disponível para esta comunicação não permite ir adiante. (22) O esquema final, que não será discutido, apenas reúne tudo e coloca as derivações com as

quais o nosso grupo de estudos vincula o modelo à realidade. A montagem do modelo fez-se sem muitos esclarecimentos, e as interpretações adotadas tampouco foram justificadas, em razão da estratégia *top down* adotada. O resultado dessa montagem configura um modelo metafísico que procura descrever o percurso ontológico que separa existência potencial de existência em ato. Sendo a existência o primeiro dos problemas que se pode colocar em universo que teve começo, considerar que Platão o tenha resolvido justifica a atualidade de seus temas e o fascínio de sua obra. Se o modelo recepciona todas as teses de Platão, fica em aberto, virtualmente, como desafio aos associados da SBP (23).

POST

Em busca do modelo filosófico de Platão

Esta comunicação foi elaborada para o encontro da Sociedade Brasileira de Platonistas (SBP), programado para 2019, no Rio de Janeiro, transferido para 2020, e, finalmente, cancelado em razão da pandemia. Como é de conhecimento geral, os estudos acadêmicos da obra de Platão, mundo afora, acalentam a esperança de identificar, nos diálogos, as peças soltas de um quebra-cabeça que permita formalizar o sistema filosófico que presidia aquele tão peculiar modo platônico de pensar. A tese das chamadas *doutrinas não escritas* de Platão, patrocinada pelas escolas de Tübingen e de Milão, na segunda metade do século XX, constitui a expressão mais clara dessa busca. Em termos metodológicos, esse objetivo tem sido perseguido mediante perspectiva hermenêutica que tem sido capaz de revelar preciosos sentidos que passaram séculos despercebidos, mas, também, tem revelado pontos que se configuram estranhos e que não se ajustam à agudeza e à genialidade geral expressa na obra. Tendo em vista essas incongruências, tentamos, aqui, considerando uma abordagem diferente, invertendo o sentido analítico usual da parte para o todo, formular uma hipótese sobre o todo e, depois, partindo do todo para a parte, verificar em que medida esse todo recebe as teses de Platão. Podemos encaminhar essa abordagem com a seguinte pergunta: qual o modelo filosófico capaz de receber as teses contidas nos diálogos de Platão e, virtualmente, indicar o sentido geral à obra?

Palavras-chave: Platão. Filosofia. Doutrinas não escritas de Platão. Modelo filosófico de Platão. Metafísica. Metafísica de Platão. Filosofia de Platão. SBP. Rubi Rodrigues.